

ENTRE EMOÇÕES E TÉCNICAS CORPORAIS: POSSIBILIDADES PARA O APRENDIZADO DO RISCO CONTROLADO NAS ATIVIDADES DE AVENTURA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.500112505031>

Data de submissão: 04/03/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Cinthia Lopes da Silva

Universidade Federal do Paraná,
Departamento de Educação Física
Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5208944598940957>

Érika Fernandes de Almeida Arruda

Universidade Estadual de Maringá,
Departamento de Educação Física
Maringá, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8571958678056210>

Ramon Amaral Vignali Alves

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
acadêmico de Educação Física
<https://lattes.cnpq.br/5021091974048790>

Rosana Gabriella Coutinho Wundervald

Universidade Federal do Paraná,
Mestranda no Programa de Pós-
graduação em Educação Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8097695609023172>

Jederson Garbin Tenório

Escola Estadual Manoel Soares Campos,
EMSC, Cláudia, Mato Grosso
<http://lattes.cnpq.br/6114256001491338>

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá,
Departamento de Educação Física
Maringá, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5074388036246808>

RESUMO: Neste trabalho analisamos narrativas referentes a um curso sobre escolarização das aventuras oferecido em um evento científico do campo do lazer no ano de 2024. A aventura é fundamental para o despertar de emoções, sensações e aprendizados, no entanto, é fundamental que se tenha um direcionamento metodológico de ensino adequado para evitar riscos, ou seja, ensinar sobre o risco controlado. Como procedimentos metodológicos, realizou-se uma investigação exploratória, baseada na análise de três narrativas sobre vivências no referido curso, uma delas de quem ministrou o curso e outras duas de quem participou do curso. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa. Constatou-se que as narrativas apresentam elementos que apontam para princípios de uma metodologia de ensino voltada ao risco controlado e as vivências mostram-se como um efetivo caminho para mobilizar os sujeitos ao aprendizado de técnicas corporais e à tomada de decisões.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Aventura, Emoções.

BETWEEN EMOTIONS AND BODY TECHNIQUES: POSSIBILITIES FOR LEARNING CONTROLLED RISK IN ADVENTURE ACTIVITIES

ABSTRACT: In this study, we analyze narratives related to a course on the schooling of adventures offered at a scientific event in the field of leisure in 2024. Adventure is essential for awakening emotions, sensations, and learning; however, it is crucial to have an appropriate teaching methodological approach to avoid risks—in other words, to teach about controlled risk. As methodological procedures, we conducted an exploratory investigation based on the analysis of three narratives about experiences in the course: one from the course instructor and two from participants. This is a qualitative study. The findings indicate that the narratives present elements pointing to the principles of a teaching methodology focused on controlled risk, and the experiences prove to be an effective way to engage individuals in learning body techniques and decision-making.

KEYWORDS: Leisure, Adventure, Emotions.

INTRODUÇÃO

A Educação Física já enfrentou o debate sobre a questão se devemos ensinar as atividades de aventura, seja na educação escolar ou noutros espaços. A questão que emerge é como fazê-lo de forma segura, lúdica e viável. Por isso, estudos pioneiros de Franco (2008), Pereira e Armbrust (2010) e Cássaro (2011) se debruçaram sobre como viabilizar essa prática na realidade da escola.

Em complemento, há outras formas que não a aula formal de Educação Física e que merecem atenção. Neste caso, situamos a experiência do projeto permanente “Escola de Aventuras” (EA), que inicialmente parte da ideia da educação em espaços de lazer até chegar a desenvolver propostas para a escola. O projeto EA foi oficializado em 2010 e esteve presente no cotidiano escolar até 2015 no período do contraturno, até virar um conteúdo inédito no projeto pedagógico do Colégio de Aplicação no Ensino Fundamental desde 2016 com os 3º e 4º Anos, passando a ser inserido nos 1º e 2º anos em 2018. Este é um feito original, uma vez que se tratava de um projeto multidisciplinar integrado à grade curricular.

O desenvolvimento dos conteúdos das modalidades do projeto EA ocorrem de uma forma interdisciplinar conjuntamente à aprendizagem da disciplina de matemática para os anos iniciais. Os conteúdos das práticas corporais de aventuras (PCA) ocorrem por meio de cinco modalidades: *Parkour*, Escalada, *Slackline*, Orientação e *Skate*. Assim, tanto na aprendizagem cruzada interdisciplinar, quanto na especificidade da cultura corporal foram validados métodos de ensino (Arruda, 2023).

Desde 2018, práticas corporais de aventura (PCA), como rapel ou *slackline*, são consideradas conteúdo estruturante na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Em síntese, o documento orienta a importância do cuidar de si, do outro e do ambiente (natural ou patrimônio urbanístico) como objetivos educativos das PCA na educação básica. Isso

implica reconhecer a gestão dos riscos como um elemento importante na caracterização dessas manifestações que ganharam um destaque na cultura corporal contemporânea.

Esse reconhecimento, todavia, possui história. Três elementos devem ser levados em consideração: (1) A aventura como um objeto de pesquisa, no Brasil, começou a ser objeto de trabalhos de Mestrado e Doutorado a partir do protagonismo de Heloisa Turini Bruhns, Vera Costa e Gisele Maria Schwartz nos anos 1990. Pela área de investigação das três orientadoras, o lazer é o fato social motivador para a Educação Física se interessar academicamente pela aventura; (2) Antes da BNCC, professores de Educação Física já ministravam esse conteúdo desde pré-escolas até o ensino médio, especialmente devido ao histórico militar, escotista ou na condição de atleta recreativo de uma modalidade; (3) Mudanças na Sociedade, tendem a valorizar o espírito empreendedor na pós-modernidade neoliberal, o que vem positivando a visão sobre o risco controlado (Pimentel, 2022).

Vale lembrar que “risco é um conceito moderno”, ligado à probabilidade de algo acontecer e à avaliação racional se “o risco vale a pena”. Na sociedade capitalista, isso está extremamente interligado entre grau de risco e ganhos aferidos. Já em relação à experiência cotidiana, o que importa é a sensação, o ‘frio na barriga’ (vertigem), que nos leva à intensificação das emoções. O risco esportivo, portanto, consiste em experimentar o “descontrole controlado das emoções” (Pimentel e Matos, 2020).

Feitas essas considerações, o ensino das PCA (termo que se aplica à aventura físico-esportiva com conhecimento escolar) requer sistematização, para que a comunidade escolar consiga ter experiências de sucesso, com risco controlado.

A introdução das PCA não é um objeto pacificado entre docentes. Justamente por perceberem a carência de condições para controlar o risco. Falta de materiais, instalações e formação são os aspectos que mais geram resistência ao ensino de PCA (Cássaro, 2019).

Por isso, para que a Universidade, enquanto instituição de produção e difusão do conhecimento cumpra seu papel nesse desafio, ela precisa levar as pesquisas para o ‘chão da quadra’. No caso da Educação Física escolar, é uma necessidade propor conteúdos mais desafiadores devido a existência de conteúdos repetitivos e, ao mesmo tempo, ter como intuito gerar um envolvimento maior nos alunos ao longo da escolaridade (Lutz et al. 2021; Tenório e Lopes da Silva, 2020). Sendo assim, embora a Educação Física seja sinônimo de esporte, ela deve buscar alternativas para a diminuição do desinteresse dos alunos pelas aulas, principalmente no ensino médio.

Atualmente, dois eventos são referência para que a metodologia do ensino de PCA seja disseminada. O primeiro é o Congresso Brasileiro de Atividades de Aventuras (CBAA), cuja realização se originou no Laboratório de Estudos do Lazer (LEL-Unesp). A outra referência é o Seminário de Estudos do Lazer (SEL), produzido pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL-UEM).

Este capítulo emerge da experiência do SEL em difundir cursos sobre como ensinar PCA e que se baseiam em trabalhos de pesquisa do GEL que, por sua vez, são aplicados

em ambiente escolar no projeto de extensão EA. Nessa cadeia produtiva, o SEL é o evento que conecta a unidade entre ensino-pesquisa-extensão com a comunidade profissional e universitária para multiplicação de um método seguro de ensino de aventura, testado acadêmica e empiricamente.

Vale acrescentar que o SEL teve sua primeira edição em 2000, inicialmente voltado para o público universitário de Maringá. A partir de 2012, desperta o interesse e atrai inscrites de todas as regiões do país. Entre as características, há a valorização dos trabalhos enviados com horário nobre; debates em torno dos temas lazer, recreação e aventura; oferta equilibrada de palestras e oficinas. As oficinas visam, em geral, qualificar a prática pedagógica em algum conteúdo: dança, PCA, jogos/brincadeiras são os mais recorrentes.

Em 2024, o evento foi realizado em Matinhos, litoral do Paraná, no Campus da UFPR. A oficina 9 tratou das “Atividades de Aventura no Ensino Fundamental I”. A ministrante, a Prof. Dra. Érika Fernandes de Almeida Arruda tinha um desafio muito singular: com base na tese de Doutorado sobre a Escolarização da Aventuras, apresentar de forma eficiente, o método Microaventuras para os anos iniciais do ensino fundamental. Assim se colocava a ementa:

Nesta oficina serão apresentadas propostas práticas de trabalho para que as atividades de aventuras sejam incorporadas como conteúdo da Educação Física escolar. Modalidades como parkour, escalada, skate e slackline apresentam uma diversidade de possibilidades educacionais, especialmente conceituais, morais, corporais, táteis e cinestésicas. Os educadores e educadoras devem estar preparados para desenvolver propostas de ensino-aprendizagem que fortaleçam esses potenciais e ampliem os conhecimentos sobre o lazer, o esporte e o meio ambiente (Arruda, 2024).

É importante destacar, o valor de uma recém-doutora em levar para a comunidade, na forma de oficina o conhecimento que pesquisou e adquiriu no curso de Doutorado. Trata-se da práxis, da união entre teoria e prática. E, também, do compromisso com o retorno à sociedade dos conhecimentos produzidos nos programas de pós-graduação. O método em questão, ele realmente proporciona o ensino de forma lúdica, segura e economicamente viável? Como o risco é administrado sem anular as emoções que é possível de se experimentar na aventura? Demonstrar a experiência de confluência entre técnica e sensações na aprendizagem das PCA, no SEL, é o motivador deste trabalho. Com isto, esperamos trazer contribuições para que se crie o hábito entre os professores de educação física em atuarem em suas práticas escolares com os conteúdos de aventura e tal qual se apropriem deste legado.

Na sequência é dada a justificativa sobre a questão abordada pela oficina ministrada no 14º SEL. A ideia da oficina 9, parte do trabalho de pesquisa qualitativo/quantitativo de doutorado (Arruda, 2023). A ministrante da oficina, iniciou em pesquisas na área das PCA desde 2012, sendo fruto das discussões e estudos no GEL, e ao ingressar no projeto EA,

percebeu o valor que o tema Aventura pode proporcionar e contribuir academicamente na produção do conhecimento nesta área, vindo a ser um conteúdo agregador para a educação física escolar.

Assim é indispensável uma citação, referenciando um trecho do PP - projeto pedagógico da EA em âmbito escolar como tema gerador, criado pelo coordenador Giuliano G. A. Pimentel:

Para que as atividades de aventura na natureza possam ser introduzidas nas escolas, faz-se necessário, além do conhecimento sobre a modalidade e planejamento sistematizado, algo fundamental - a gestão do risco [...] Para discutirmos as relações existentes e possíveis de serem concretizadas entre atividades de aventura e meio ambiente no âmbito escolar, precisamos compreender o contexto da condição de lugar onde se vive e convive (PP – projeto pedagógico da escola de aventuras, 2016).

Ao se decidir trabalhar as PCA, no formato de microaventuras a partir do 1º ano do ensino fundamental desde 2018, percebeu-se que a gestão de risco controlado se torna uma questão inquestionável, e que deve-se estar preparado para condicionar a prática dentro deste formato. Lembrando que as atividades realizadas pelo projeto dentro do CAP iniciaram anteriormente à BNCC, onde é sugerido que as PCA devem acontecer a partir do 6º Ano.

A proposta da oficina, estava focada em auxiliar os futuros professores e professoras no desenvolvimento de propostas de ensino-aprendizagem das modalidades de aventuras. A ideia foi apresentar mecanismos para que as PCA sejam incorporadas de uma forma lúdica como conteúdo da Educação Física escolar. Ao serem trabalhadas as modalidades como *Le Parkour*, *Skate* e *Slackline*, de uma forma viável, a intenção estava em apresentar uma diversidade de possibilidades para a prática.

Como os conteúdos das PCA, ainda são vistos como novos dentro do que rege a BNCC (2017), foi entregue aos participantes via e-mail uma apostila com a intenção de que estes estivessem mais familiarizados com as modalidades e/ou esportes de aventuras e o meio ambiente, visto que o tempo da oficina era relativamente curto. Assim, intencionalmente com o material em mãos, já em leitura prévia antes da oficina (na prática), os participantes estariam interagidos com o conteúdo proporcionando uma prática mais fluente e ao mesmo tempo, ampliar seus conhecimentos sobre o lazer,.

MÉTODO

A presente investigação tem como procedimento metodológico a pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com Minayo e Sanches (1993) a pesquisa qualitativa:

(...) realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações,

as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, p. 244, 1993).

Foi realizada uma revisão de literatura de acordo com Severino (2007), para o autor, a leitura proveitosa dos textos deve ser feita por etapas, as quais serão apresentadas a seguir. A primeira etapa mencionada por Severino (2007) é a análise textual, na qual ocorre o primeiro contato com o texto, devendo-se promover uma leitura corrida de todo o conteúdo, bem como apontamentos relevantes. A segunda etapa se trata da análise temática, a qual consiste na compreensão da mensagem central do texto, ou seja, “praticamente trata-se de fazer uma série de perguntas cujas respostas fornecem o conteúdo da mensagem” (Severino, 2007, p. 57). A última etapa apresentada é a análise interpretativa, a qual busca a interpretação, síntese e compreensão das ideias trazidas no texto. Assim, ao fim das três etapas, após uma posição crítica sobre o tema, houve a organização de acordo com o critério temático. Essas três etapas foram consideradas para a exploração dos textos da revisão de literatura.

Também foi realizada a descrição e análise de narrativas. A forma de descrição é inspirada nos estudos de Ferreira, Prezzoto & Terra (2020) e Aguiar e Ferreira (2021). A descrição de tipo narrativa dá certa liberdade ao autor para expor suas impressões a partir das observações feitas que consistiram em descrever o local onde a atividade foi realizada, o que foi realizado – para a ministrante do curso, além de como o mesmo ocorreu e para duas das pessoas participantes como avaliam a vivência de atividades de aventura a partir do curso ministrado. Para este texto, a atenção é nas observações e vivências, interpretadas à luz dos estudos da Comunicação Educativa e do lazer. Foi realizada inicialmente a descrição das narrativas e, em seguida, buscou-se compreender as mesmas a partir da interpretação e diálogo com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Narrativa 1 – Participante da oficina

Sou uma mulher de mais de meia idade, professora de Educação Física universitária e nunca tive oportunidade de experimentar andar no *skate*. No curso tive oportunidade de subir em um *skate* e sentir o balanço do corpo de um lado para o outro por alguns instantes, tudo se iniciou com um convite da professora para eu tentar e ela logo me dando as indicações sobre o que eu tinha que fazer com a posição dos pés e simplesmente confiar nela que me segurava firme nos braços assim que me vi sobre o *skate*. Esse momento foi para mim a vivência de medo, tensão, apreensão, coragem e, por fim, emoções que me guiaram durante o tempo que estive sobre o *skate*. O curso foi baseado em vivências práticas, inicialmente foi dada uma rápida explicação da origem e princípios do curso e logo dirigiu-se para a prática, as atividades principais vivenciadas foram o *skate*, o *slackline* (uma atividade que exige bastante equilíbrio para se manter andando em um fita que fica

cerca de 30 centímetros do chão) e o *Parkour* (um percurso em que se faz movimentos diversos como rolamentos, saltos, corrida, ao ultrapassar obstáculos existentes no local da prática), este último eu ajudei a organizar o percurso e ajudei na realização do mesmo, ao ser vivenciado por colegas de curso.

O *slackline* foi uma experiência diferente do skate porque eu já tinha tido experiências prévias de como subir e andar no *slackline* com acompanhamento de ajudantes. No entanto, no dia do curso o local e a fita eram outras da que eu estava acostumada, o que gerou certa tensão ao dar o impulso para iniciar alguns passos sobre a fita de *slackline* com ajuda. Um aspecto que notei foi o fato de ter ido para o *slackline* depois de ter experimentado o skate e isso de certo modo me encorajou, pois ali no curso eu estava exposta ao olhar e avaliação de outras pessoas que eu desconhecia, eu era somente ali uma iniciante nas atividades de aventura, apesar de todos saberem que eu era uma professora universitária, especialista nos estudos do lazer e uma pessoa mais velha do que os demais participantes. Cabia a mim um exemplo de coragem e de lidar com o desafio das AA propostas.

Para mim, a experiência foi fascinante, por eu descobrir que poderia realizar atividades de aventura na altura da vida em que me encontro e sem grandes pretensões, a não ser aprender a me equilibrar minimamente no skate e no *slackline* para vivenciar emoções geradas a partir dessas atividades. Além disso, pude também observar os colegas, como a maioria deles, ou tinha dificuldades, talvez menos do que eu nas atividades propostas ou tinham mais facilidades, em decorrência de suas experiências prévias.

Narrativa 2 - Participante da oficina

O interesse por desvendar a integração de PCA no currículo escolar me impulsionou a participar da oficina de Atividades de Aventura no Ensino Fundamental I, ministrada pela professora Érika Fernandes, durante o 14º Seminário de Estudos do Lazer. Apesar da familiaridade com as modalidades abordados na oficina desde a infância, meu objetivo primordial era adquirir o conhecimento didático necessário para despertar em crianças o interesse pela prática esportiva, proporcionando-lhes um primeiro contato, quem sabe, transformador.

A oficina se iniciou com uma exposição teórica concisa, seguida por um convite da professora para um aquecimento dinâmico. Dentre as atividades propostas, o pega-pega na posição de sapo e quadrupedia me capturou de imediato, preparando o grupo para os desafios que se seguiram.

Durante a prática do *slackline* pude constatar a importância de transmitir segurança ao praticante, incentivando-o a ousar e experimentar. Durante minha travessia na fita, o apoio de um colega foi fundamental para que eu pudesse concluir a atividade com êxito, o que nunca havia conseguido sozinho em outras tentativas.

Na atividade de *Parkour*, a professora Érika enfatizou a necessidade de realizar uma análise de risco prévia do local onde a atividade seria realizada. Além disso, achei fascinante a forma como a professora nos envolveu na confecção do material necessário para demarcar os pontos de apoio para mãos e pés. Apesar de nunca ter participado da elaboração de um circuito de *Parkour*, me senti motivado a realizar movimentos complexos para transpor obstáculos. Percebi, ainda, que os princípios da ginástica podem ser utilizados como base para o ensino dos movimentos e que a atividade pode ser facilmente adaptada à realidade de escolas públicas.

A atividade de *Skate*, com a qual tenho familiaridade desde a infância, me permitiu observar o quão desafiador o equilíbrio pode ser para alguns, principalmente para aqueles que não tiveram contato precoce com o esporte. A didática da professora, que ensinou o passo a passo desde a criança sentada no *skate* até o momento em que ela fica em pé, me fez recordar da minha própria infância, quando meu pai me colocou em pé no *skate* sem nenhuma orientação para que eu aprendesse a técnica.

Minha participação no seminário coincidiu com a elaboração de um projeto de extensão para realizar atividades com crianças da rede pública de ensino. Ao observar a alegria da primeira narradora ao se desafiar a andar de skate pela primeira vez, tive a certeza da importância de proporcionar o contato com esse esporte às crianças. Decidi, então, reformular o planejamento do projeto e incluir as atividades de aventura.

A experiência na oficina transcende o aprendizado técnico. Através da metodologia de ensino da professora Érika, da troca de experiências com os colegas e da observação do impacto das atividades em crianças, pude constatar o potencial transformador das AA no desenvolvimento infantil. A oficina me proporcionou a certeza de que a prática de esportes de aventura, além de promover a saúde física e mental, pode despertar o interesse pela prática esportiva, fomentar a autoconfiança e a superação de desafios, e proporcionar momentos de lazer e diversão.

A oficina de Atividades de Aventura no Ensino Fundamental I, foi um divisor de águas na minha trajetória como educador. A partir da experiência vivenciada, me sinto mais preparado e motivado a levar as PCA para a sala de aula, impactando positivamente a vida de crianças e adolescentes. Acredito que as PCA, quando realizadas de forma segura e planejada, pode ser uma ferramenta poderosa para a construção de um futuro mais saudável e feliz para as novas gerações.

Narrativa 3 - Ministrante da oficina

Para uma melhor condução do tema PCA, criei uma apostila, que foi enviada por *e-mail* para os participantes, anteriormente em 1 semana antes da oficina. O intuito deste material estava em fornecer subsídios para que os acadêmicos participantes, pudessem estar mais familiarizados com o conteúdo referente a AA. Como o mesmo se trata de um

conteúdo novo, perante os PCN'S/ temas transversais e vinculado a BNCC referência atual, meu desafio estava em como deveria abordar o tema, refletindo na questão de que, os participantes do curso poderiam não estar familiarizados com o contexto do conteúdo, tanto no que tange a teoria como a prática.

Na apostila, foi abordada a metodologia utilizada durante a prática da oficina, bem como uma introdução e um exemplo de plano de aula de cada modalidade. Os planos de aulas da apostila são de aulas recorrentes dentro do projeto Escola de Aventuras e que também destacam como funciona a metodologia das microaventuras e demonstram experiências reais que podem ser aplicadas na escolarização da aventura.

No primeiro momento eu estava apreensiva, pois a oficina aconteceu numa sexta à tarde, com o número de inscitos em capacidade máxima, mas que presencialmente contava com 2/3 dos participantes, justificável, estávamos no litoral a 1 quadra da orla central e o sol radiante. Bem, superada a expectativa e com o local preparado para as práticas, *slackline* montado, espaço do percurso do *parkour* reservado e *skates* a postos, iniciamos a oficina com uma introdução rápida sobre as modalidades que seriam praticadas. Apresentei algumas fotos das crianças participantes do projeto, frisando cada uma das modalidades. Apresentei as cinco modalidades realizadas nas aulas do projeto, bem como a metodologia das microaventuras e o suporte pedagógico.

Na preparação para as práticas das três modalidades, apresentei um cronograma com sete atividades ordenadas, conseguindo realizar cinco delas: 1- Pega-pega quadrupedal, onde os participantes deveriam se locomover em quatro apoios, primeiramente em decúbito ventral e depois em decúbito dorsal; 2- vivência da escalada, desenhamos as agarras no chão de concreto; 3- linhas feitas com giz, materiais adaptados como corda, deslocamento sobre a fita de *slackline* fixada nas colunas do auditório; 4- apresentação das etapas metodológicas para a iniciação ao *skate* e 5- preparação de um material em EVA, utilizando figuras para a criação de um circuito de aventuras, separados em grupos de 3 participantes, deveriam criar um percurso externo, ao redor do campus, definindo um tema que envolvam o meio ambiente.

Na apresentação da última atividade (5), em *slide* anunciei para os participantes que eles seriam colocados na apresentação, durante a confecção do material utilizado em cada percurso criado, bem como os registros feitos através de fotos e vídeos tirados durante suas participações dos seus respectivos percursos. Deixando claro que, na montagem do percurso do *Parkour*, a estrutura do local escolhido teria que estar condizente com os movimentos que seriam realizados, e que antes de iniciar, eles teriam que realizar uma certificação de gestão de risco, ou seja, certificar-se se as estruturas utilizadas como obstáculos, estavam em perfeito estado de conservação.

Devido ao curto período de tempo, não realizamos atividades práticas da escalada, todavia foram exemplificadas as técnicas, bem como as diferenças categóricas.

A participação foi além do esperado pelas minhas expectativas, todos se comprometeram e realizaram as atividades dentro de suas possibilidades motoras. Estava com um grupo heterogêneo, os participantes eram de 3 universidades diferentes, e havia uma docente institucional que nunca havia subido em um *skate* antes (Narradora 1), praticantes de outras modalidades esportivas e também praticantes de modalidades de aventuras que já estavam familiarizados com a técnica e a lógica interna das modalidades. Minha preocupação estava em dar subsídios pedagógicos sobre a metodologia utilizada dentro do projeto escola de aventuras e que se concretiza como uma metodologia eficaz, partindo do princípio da aprendizagem de microaventuras.

Confesso que eu estava tomada pelos sentimentos de gratidão, euforia, entusiasmo, felicidade e sentimento de dever cumprido, adicionei as fotos aos *slides* com a seguinte mensagem de encerramento: *Imensa gratidão pela participação de vocês na Oficina. Foi especial para mim, além de ser a primeira que eu ministro sozinha, percebi o entusiasmo e a dedicação de cada um de vocês com as atividades, tanto na criação como na prática, foram fantásticos. Aproveitem essa sementinha plantada por mim. Agora entrego a vocês para cuidar delas, regando e nutrindo a cada dia a educação física escolar. Até a próxima pessoal.*

Mesmo sendo todos da educação física, estava lidando com sentimentos e emoções diversificadas. Cada um dos participantes tem sua história e carrega suas emoções, considerando seus históricos de vivências motoras e capacidades, nenhum deles deixou a desejar no quesito participação, estavam empenhados e mesmo alguns não apresentando maestria em alguns movimentos, fizeram e atingiram o seu melhor, só gratidão.

Análise da narrativa 1

A narrativa 1 mostra como é possível o processo de ensino e aprendizado mobilizado pelas emoções, como indicam os estudos da Comunicação Educativa (Ferrés i Prats, 2014). Esses estudos estão inseridos na área da Comunicação e tem como base as neurociências, que tem como objetivo produzir conhecimentos, permitindo que diferentes profissionais (pedagogos, profissionais da comunicação e da cultura) desenvolvam mediações a respeito das produções midiáticas. A particularidade dos meios de comunicação é que pela forma como esses meios funcionam, eles mobilizam os espectadores emoções a partir dos conteúdos transmitidos, levando-os, por exemplo, a consumir produtos.

No caso dos professores e sua atuação no âmbito escolar, a receita poderia ser útil, uma vez que mobilizando as emoções dos estudantes a partir do modo como a aula é ministrada, esses poderiam aprender conteúdos fundamentais para a sua vida em sociedade. Faz-se esta aproximação com os estudos da Comunicação Educativa como explica Silva e Ferrés i Prats (2020) para explicar sobre a vivência do skate na narrativa.

Segundo os autores, as emoções são capazes de atingir níveis mais prolongados do cérebro de modo a facilitar a fixação do conhecimento e o aprendizado.

Assim, a experiência narrada principalmente pelo *skate*, mostra que diferentes emoções foram mobilizadas pela experiência proporcionada no curso. A narradora 1 ao se deparar com o desafio de realizar algo totalmente novo, sentiu medo, isso pode ser uma barreira para a realização da atividade proposta, porém com uma abordagem de incentivo e a gestão do risco controlado, transformaram-o em uma oportunidade de superação e de coragem, o que leva a compreender que qualquer pessoa pode aprender a andar de *skate*, desde que se sinta convidada e tenha segurança em quem está lhe ensinando para ao menos tentar e aprenda as técnicas corporais necessárias para que possa se equilibrar no *skate*. As técnicas corporais aqui estamos compreendendo como atos simbólicos constituídos pelos fatores biológicos, psicológicos e sociais que expressam significados e não somente a técnica como mera reprodução de movimentos (Mauss, 2003). Assim, a narradora 1, tendo aceito o convite para subir no *skate* demonstrou a partir de sua técnica corporal elementos de que era uma iniciante, expressando o conjunto de emoções como medo, tensão, apreensão, coragem de forma sintética e a partir do corpo.

A insegurança e o medo aparecem a cada novidade apresentada nas propostas, mesmo em experiências já vividas, como no relato do *slackline*, uma vez que foi realizado com um material diferente, levando a participante a sentir-se dessa maneira. Nesse caso em específico, é narrado o fator social de pressão à performar uma habilidade devido seu conhecimento prévio sobre os estudos do lazer e a Educação Física. Assim, o medo não está somente no campo do risco físico, mas também no campo da aprovação dos pares, dessa forma, o ambiente para essa prática também acolhe o erro, levando os participantes a se desafiarem e compreenderem que ele faz parte do processo. A segurança é o que os estudos do lazer denominam de risco controlado, que é algo fundamental de ser aprendido a partir das vivências realizadas e a partir da forma como a mediação pedagógica é feita. O que se aprendeu nesse caso específico da narrativa 1 com as atividades de aventura ministradas no curso foram algumas técnicas corporais, como exemplo, sobre o equilíbrio do corpo, no *skate* e no *slackline*. A confirmação desse aprendizado é a manifestação da participante de ter conquistado (aprendido) algo, expressando que a experiência com o curso foi fascinante.

Como já explorado anteriormente, a metodologia de ensino da aventura fundamentada pelo método Microaventuras para os anos iniciais, se mostrou eficaz para que fosse possível ao menos tentar equilibrar-se no *skate*, logo na primeira tentativa, pela segurança transmitida pela professora e pela confiança em sua metodologia, este foi o aprendizado da técnica corporal do equilíbrio sobre o *skate* e sobre o *slackline*.

Análise da narrativa 2

A narrativa 2 indica um processo diferenciado da narrativa 1, sendo a busca do participante por conhecimentos didáticos para despertar em crianças o interesse pela prática esportiva e em uma perspectiva transformadora. Nota-se que para o participante, a experiência com as atividades de aventura mencionadas (prática do *skate*, *slackline* e *parkour*), foram exemplos para que o professor fosse mobilizado para o modo como ensinar as crianças, essa mobilização foi motivada por sua observação na experiência da narrativa 1, mas também na metodologia de ensino e nas técnicas corporais orientadas para a práticas das modalidades de aventura presentes no curso.

Destaca-se na narrativa 2 a experiência pessoal do participante sentindo-se envolvido desde a preparação corporal na brincadeira que inicia a oficina até a confecção dos materiais que seriam utilizados no *parkour* demonstrando diferentes formas de integração dos estudantes nas atividades de aventura preparando-os para os desafios que virão, o resultado do envolvimento do participante nessas etapas é a motivação demonstrada na superação dos desafios.

Assim como na narrativa 1, novamente observa-se que o incentivo proporcionado pela ministrante da oficina foi um fator importante para construção de segurança nos participantes. O narrador 2 sentiu-se confiante para ousar, segundo suas palavras, e superar-se concluindo a atividade do *slackline*, feito esse realizado com apoio de um colega. Confirmando-se nessa narrativa que desafiar-se não foi algo realizado sozinho, mas com auxílio dos atores envolvidos. Dessa maneira, podemos concluir que a escola tem um papel importante em promover ações desafiadoras aos seus estudantes estimulando o desenvolvimento da autoconfiança.

Essa vivência prática fez com que o participante pudesse, durante a experiência, identificar quais conteúdos poderiam ser desenvolvidos com as atividades de aventura e como adaptá-las para a escola, demonstrando que os estímulos corporais e emocionais proporcionados na oficina foram uma forma atrativa e eficaz na absorção dos temas abordados.

Ou seja, aqui vemos as emoções presentes e agindo de modo a mobilizar o narrador 2 a tomar decisões, ao observar as emoções (alegria) da narradora 1, por ter tido êxito na prática do *skate*, no aprendizado da técnica de se equilibrar no *skate*, ainda que por alguns instantes e sendo segurada pela professora, somado ao modo como o curso foi ministrado. Isso se confirma quando o narrador, ao final de seu registro, relata o seu envolvimento com um projeto de extensão para realizar atividades com crianças da rede pública de ensino.

De acordo com Ferrés i Prats (2014) quando somos mobilizados por emoções, temos condições de aprender, refletir e tomar decisões que indicam uma posição crítica. Isso foi identificado no relato do segundo narrador, ao ter consciência e percepção de que a experiência do curso transcende o aprendizado meramente técnico, reconhecendo

o potencial transformador das PCA no desenvolvimento infantil. Essa percepção e reflexão levou-o a reformular o planejamento inicial do projeto de extensão em que estava participando de modo a incluir as PCA.

Análise da narrativa 3

A narrativa 3, apoiada na fundamentação teórica da metodologia de ensino Microaventuras para os anos iniciais, mobilizou emoções nos participantes do curso a exemplo das descrições nas narrativas 1 e 2. Assim, a professora a partir do princípio do ensino das técnicas da PCA, utilizou como parte da metodologia o ensino voltada ao risco controlado. Conseguindo promover vivências aos participantes do curso, demonstrando que seu referencial é um efetivo caminho para mobilizar os sujeitos ao aprendizado de técnicas corporais e a tomada de decisões.

Outro aspecto a ser observado, é o de que embora a metodologia utilizada seja direcionada para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, a mesma mostrou-se eficaz no ensino de técnicas da PCA e do risco controlado para um adulto iniciante e outro experiente nas aventuras, como afirmam os narradores 1 e 2, assim, a metodologia de ensino demonstra ser uma possível solução para o ensino de técnicas de PCA a qualquer pessoa iniciante e não somente a crianças.

Isso é exemplificado na atividade com o *skate*, uma vez que narradora 1 teve sua primeira experiência na oficina e o narrador 2 tinha contato com a modalidade desde a infância, importante destacar que o narrador 2, mesmo tendo experiência prévia com o *skate*, encontrou na oficina um meio didático de introduzir essa atividade na escola iniciando com uma exploração menos desafiadora, como sentar no *skate*, passando para outras mais desafiadoras. Demonstrando que o conhecimento prévio do participante colabora para a introdução dessa prática no contexto escolar, mas que com estudo e pesquisa da gestão do risco controlado, essa transposição do conhecimento é aprimorada para a realização com os estudantes.

Vale ainda ressaltar, a preparação e o cuidado da professora em enviar previamente aos participantes um material orientador do curso, como uma forma de previamente inserir os no universo das PCA. A mobilização de suas próprias emoções ao ministrar o curso, sendo uma recém-doutora também é algo importante para o sucesso da oficina e que é de certa maneira um convite para as pessoas aprenderem sobre as PCA, a se encorajarem nas aventuras que as técnicas ensinadas lhes proporciona. O resultado disso foi a iniciação da narradora 1, principalmente na prática do *skate* e da mobilização do narrador 2 a incluir as PCA em projeto de extensão, confirmando assim, o êxito em termos pedagógicos da metodologia de ensino que buscou a aproximação entre o ensino das técnicas (Mauss, 2003) e a vivência de emoções diversas.

Os alunos chegam na escola entusiasmados no ensino fundamental e aos poucos a escola e as aulas de educação física acabam por negligenciar novos desafios e descobertas aos discentes, quando exploram rotinas repetitivas. É comum que os alunos dos anos iniciais encarem a escola como um espaço desafiador, pois acessam saberes diversificados por meio das disciplinas escolares. Basta lembrarmos que, alguns alunos antes das aulas de EF, vivenciam diversas práticas, como correr, saltar, pular, presentes nas brincadeiras infantis, que se confrontam com modelos de aulas que priorizam a técnica esportiva no ambiente escolar compreendida em seu sentido restrito de técnica correta/incorreta. Nas aulas de educação física, as PCA se apresentam como um conhecimento que pode ser uma ferramenta de incentivo a novos desafios e vivências no campo das práticas corporais.

Assim, as PCA se mostram propícias para a aprendizagem, pois o professor pode incentivá-los a sempre querer coisas novas e não estarem desanimados quando chegam ao ensino médio.

Para que as PCA sejam integradas no contexto escolar, como propõe a oficina ministrada de acordo com a narrativa 3, é fundamental que as escolas se mostrem abertas a esses conteúdos e, talvez, seja necessário os professores passarem por cursos de formação continuada para que possam trabalhar com as microaventuras nas aulas. Para isso, é necessário que outros eventos científicos ou as instituições de ensino superior promovam cursos de extensão, de pós-graduação, ou cursos curtos direcionados ao ensino das PCA nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As PCA aqui tratadas, se mostraram como elementos fundamentais da cultura corporal de movimento, para que os sujeitos experimentem diferentes emoções, mobilizadoras de aprendizagem, de técnicas corporais e de tomadas de decisões, contribuindo para uma posição crítica dos envolvidos.

Isso se deve, a uma combinação de fatores que sinteticamente podemos atribuir ao apoio nos princípios da Comunicação Educativa (Ferres i Prats, 2014) e a noção de técnica corporal (Mauss, 2003) e também a uma metodologia de ensino das PCA, baseadas no método de ensino das Microaventuras para os anos iniciais do ensino fundamental para propor uma forma de ensino considerando o risco controlado.

Esses referenciais, são desafiadores para que outros estudos e experiências possam ser relatadas acerca das PCA. Que essas práticas estejam mais presentes no âmbito escolar, fazendo a diferença na vida dos estudantes, mobilizando conhecimentos e aprendizados, de modo que os sujeitos possam ter a vivência das PCA e, ao mesmo tempo, ser um caminho para o despertar de conhecimentos, acerca das técnicas corporais e de uma posição reflexiva e crítica.

A experiência com a oficina também demonstrou que a metodologia de ensino das Microaventuras pode ser utilizada fora do contexto escolar, na iniciação de qualquer pessoa que queira aprender sobre as PCA, indo além da idade, conhecimento prévio, gênero, peso corporal etc, sendo uma metodologia que considera os marcadores sociais para que todas as pessoas possam vivenciar diferentes emoções e aprender sobre e a partir das aventuras.

Nessa perspectiva, outros estudos sobre as PCA, são bem-vindos e que tenham como propósito atender às escolas e buscar novas formas de ensino e aprendizado. O ambiente escolar pode ser um local central de despertar emoções e, conseqüentemente, mobilizar os sujeitos ao aprendizado. Na construção de uma sociedade melhor, toda técnica demanda de uma conduta humana mais consciente e crítica especialmente com relação às expressões corporais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA E. F. A. **Atividades de aventuras no ensino fundamental I**. Oficina teórico/prática realizada no 14º Seminário de estudos do lazer: O lazer e as questões socioambientais do território. UFPR, setor litoral, de 23 a 25 de outubro de 2024.

ARRUDA, E.F.A. **A escolarização dos jogos de aventura no ensino fundamental I: a relação entre a aprendizagem motora e o envolvimento das crianças**. Tese de doutorado. 339 f.: il. color. Maringá, PR, 2023.

AGUIAR, T. B. de; FERREIRA, L. H. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, 37, e74451, p.1-22, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. 600p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

CÁSSARO, E. R. **Atividades de Aventura: aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá**. 2011. 96f. Especialização (Educação Física) Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UEL -Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011. Disponível em:<http://www.uel.br/cef/demh/especializacao/doc/monografias/ElizandroRicardo.pdf>. Acesso em 19 jul. 2018

FERREIRA, L. H.; PREZOTTO, M.; TERRA, J. Confiar. Con.fiar. Confi(n)ar: a narrativa como estratégia formativa ante as recentes transformações sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n.16, p. 1664-1681, 2020.

FERRÉS I PRATS, J. **Las pantallas y el cerebro emocional**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2014.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo**. 2008.134 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação Física) UEP - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008.

LUTZ, T.; TRIANI, Lutz F. S.; TELLES, S. C. C. O “tempo livre” nas aulas de educação física: as estratégias de negociação no campo das relações entre professores e alunos. **Revista Humanidades e Inovação**. v.8, n.38. p. 131-140. 2021.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, 1993.

PEREIRA, D. W., ARMBRUST I. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e ação na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 160p.

PIMENTEL, G. G. A. Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **REBESCOLAR**, v. 4, p. 47-60, 2022.

PIMENTEL, G. G. A.; MATOS, F. O. Como e quando o corpo fala: um correlato das respostas psicobiológicas frente ao estresse no voo-livre. **Educ. fís. cienc.**, Ensenada, v. 22, n. 2, p. 127, 2020. Disponível em <https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2314-25612020000200127&lng=es&nrm=iso>. acessado em 28 fev. 2025. <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e127>.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, C. L. da, FERRÉS I PRATS, J. Comunicación Educativa y Educación para el Ocio en Educación Física Escolar. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 394–418, 2020. DOI: 10.35699/1981-3171.2020.19779. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licerearticle/view/19779>. Acesso em: 14 fev. 2025.

TENÓRIO, J. G.; LOPES DA SILVA, C. Experiência pedagógica em aulas de educação física a partir dos jogos esportivos coletivos no ensino médio. **Rev. Bras. Cien. e Mov.** v. 28, n.1, p. 1-23. 2020.